

## O PODER DA PALAVRA E A PALAVRA COMO PODER NO PROCESSO EDUCATIVO

### THE WORD POWER AND THE WORD AS POWER IN EDUCATIONAL PROCESS

Adriano Moreira de Oliveira<sup>1</sup>  
José Marcos Menezes<sup>2</sup>  
Jorge Miranda de Almeida<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo demonstra que há várias formas de se usar as palavras e das palavras na construção do processo educativo e como elas podem influenciar a vida dos educandos e dos educadores. A palavra tem uma força e um poder que as pessoas e os profissionais de educação muitas vezes desconhecem mediante as estratégias da persuasão, indução e convencimento tão bem exploradas por Platão especialmente na obra *O Sofista* e que são atuais até os dias de hoje. Nesse sentido, essa comunicação é ancorada em duas teses fundamentais de Bakhtin (1988) que são: “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (p.36) e “a palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação” (p.38). Existem pessoas, grupos políticos, econômicos e até pedagógicos que utilizam as palavras como armas e meios de conquista e de dominação, por outro lado, é mediante a utilização da palavra que o processo de libertação acontece como evidenciou Paulo Freire em toda a sua obra. O uso das palavras como ferramentas no processo educativo pode ser feita de várias formas como na linguagem, na pintura, na música, na arte, na dança e pode-se usar essas formas para mudar o espaço onde educandos e educadores vivem. Dessa forma, a palavra como linguagem pode ter vários significados a partir da ideologia a que está subordinada e esses significados podem gerar muitas outras palavras que produzem novos conhecimentos. A palavra pode ser “dita” ou “não dita”, é fundamental que o educador tenha consciência da importância de motivar o educando a fazer a experiência ativa com a palavra como forma de tornar-se sujeito da própria construção histórica. Na delimitação do processo pedagógico a palavra é a ferramenta que mais permite a relação dialógica e a construção da consciência

**Palavras chave:** palavra, interpretação, emancipação, argumentação, Educação.

**ABSTRACT:** This article demonstrates that there are several ways to use the words and the words in the construction of the educational process and how they can influence the lives of students and educators. The word has a strength and power that people and education professionals often unaware by the strategies of persuasion, induction and conviction so well explored by Plato especially in the work *The Sophist* and are current as of today. In this sense, this

---

<sup>1</sup> Graduando em Física pela UESB. E-mail: [amdfisica@gmail.com](mailto:amdfisica@gmail.com). Bolsista PIBID-FAPESB-UESB.

<sup>2</sup> Graduando em Física pela UESB. E-mail: [marckosmenezes@hotmail.com](mailto:marckosmenezes@hotmail.com). Bolsista PIBID-FAPESB-UESB.

<sup>3</sup> Jorge Miranda de Almeida. Prof. titular DFCH-UESB. Coordenador PIBID Filosofia-FAPESB. Prof. Programa Permanente em Memória: Linguagem e Sociedade. Email: [mirandajma@gmail.com](mailto:mirandajma@gmail.com)

communication is anchored on two fundamental principles of Bakhtin (1988) which are "the word is the ideological phenomenon par excellence" (p.36) and "the word is present in every act of understanding and in all acts of interpretation" (p.38). There are people, political, economic and even educational groups using words as weapons and means of conquest and domination, on the other hand, is by using the word that the release process is as Paulo Freire showed in all his work. I dare the words as tools in the educational process can be done in several ways in language, painting, music, art, dance and you can use these forms to change the space where teachers and students live. Thus, the word as language can have several meanings from the ideology to which it is subject and these meanings can generate many other words that produce new knowledge. The word can be "called" or "not said" it is essential that the teacher is aware of the importance of motivating our students to make the active experience with the word as a way to become subject of his own historical construction. The delimitation of the pedagogical process the word is the tool that allows more dialogical relationship and building awareness

**Keywords:** word, interpretation, emancipation, arguing, Education.

## INTRODUÇÃO

Este artigo reflete e problematiza a relação entre a palavra e o poder mediante o emprego da categoria da ideologia, tomando como delimitação os discursos que são proferidos em sala de aula, na dicotomia entre as pregações teóricas e as atitudes de professores e de estudantes a partir da experiência com o PIBID-FAPESB-UESB em Filosofia realizado no CETEP – Centro Territorial De Educação Profissional de Vitória da Conquista, Bahia. Ele está ancorado nos textos de Paulo Freire *Educação cultural como prática da liberdade* (1967); Mikhail Bakhtin *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1988); Theodor Adorno *Educação e Emancipação* (1995), *Pensar com os sentimentos: razão, escuta, diálogo, corpo e liberdade* de Álvaro B. Márquez-Fernández (2014) e *O Poder simbólico* de Pierre Bourdieu.

A premissa é que a palavra fascina e como ela está impregnada de intencionalidades, de dizeres explícitos e implícitos, despertou a vontade e a necessidade enquanto aprendiz de desafiá-la e desafiar a mim mesmo ao estudar teóricos que entendem mais profundamente e que possam contribuir com minha formação intelectual e pessoal a partir do jogo que se estabelece enquanto ela se reveste do caráter de poder e de ideologia do cotidiano. Consoante Bakhtin, o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana é

a palavra, por isso, ela penetra de maneira tão incisiva na vida cotidiana, nas salas de aula, nas relações amorosas, nas disputas de poder como as que presenciamos nos debates dos candidatos a governador e a presidência nas eleições 2014. O filósofo russo afirma taxativamente: “Cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos atos de que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto... Eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são momentos do meu viver-agir.” (BAKTHIN, 2010,p. 44). Dessa forma, não é possível continuar com a dicotomia palavra, pensamento, separados da existência material individual e coletiva do sujeito e do coletivo no processo ensino-aprendizagem.

Diz-se tudo mediante a palavra e não se aborda com propriedade quase nada. A palavra esvaziou o seu sentido, o seu significado, o seu signo, o seu conteúdo e tornou-se meramente peça publicitária. Esse dado me faz lembrar o que Freire (1967) afirma em seu texto de que as palavras não são independentemente de sua significação real, de relação com às situações reais, contraditórias e concretas. E quais são as nossas principais contradições? A má formação educacional do nosso povo, mantendo-o adormecido em livros e em conteúdos que não dizem respeito às situações concretas mas permanecem engessados em conceitos e em teorias que satisfazem mais ao ego do doutor professor do que a aplicação na contradição existencial para verificar se esse conteúdo tem validade ou não. Para complicar os meios de comunicação que utilizam as palavras e todas as formas de linguagem que estão à serviço do capital e dos donos dos meios de produção que enganam, camuflam, adocicam as consciências com uma falsa realidade, com uma ideologia de bem estar e de felicidade que se esconde em belos seios e em belos carros. Essa comunicação está dividida em 2 tópicos. No primeiro apresentamos a problematização do poder da palavra em sua relação com a linguagem, a ideologia e a educação; o segundo e como contraponto, discutiremos a difícil relação entre ética e a palavra ou a palavra e a ética, se a palavra está comprometida com o jogo de poder e à serviço do poder, poderá existir uma palavra ética?

## **O PODER DA PALAVRA: linguagem, ideologia e educação.**

A palavra tem sentido e faz sentido, porque ela é um dos componentes mais fundamentais no processo de humanização do homem. Porém a palavra tem sido utilizada como um dos principais instrumentos de poder para dominar ou subjugar o ser humano. Pierre Bourdieu faz uma análise minuciosa em *O Poder simbólico*, quando afirma no capítulo I intitulado *Sobre o poder simbólico*, na primeira síntese “que o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem” (BOURDIEU, 1989, p. 9), ou seja, o poder simbólico atravessa e é atravessado pela ideologia dominante que intencionalmente esconde os conflitos e os interesses das classes e dos meios de produção. Nesse sentido, as palavras são essencialmente ideológicas e carregadas de produção simbólicas como estrutura de dominação. Por isso, que os empobrecidos assistem passivamente o aumento de concentração de rendas e tende a ver como normal a gritante discrepância entre os poucos com muitos e a maioria sem quase nada.

Bakhtin também afirma que “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (1988, p.95) e ainda “a língua no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida” (p. 96). Bakhtin afirma sobre a expressão pela palavra: “Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (p. 113). Embasado nessas duas teses e consciente de que é mediante a linguagem que dialogamos e construímos comunicação com o outro e com o mundo. Qual é a relação entre ideologia e educação? Qual é o poder que a educação tem em transformar ou em manter estruturas e mentalidades? Como se estabelece a relação de poder e de esvaziamento de poder na relação entre o locutor (o professor) e o ouvinte (o estudante) e em sua relação inversa, ou seja, entre o locutor (o estudante) e o ouvinte (o professor)? É fundamental entender o que Bakhtin está propondo, pois não se trata de esferas de passividade ou do

professor ou do estudante, mas, como condições de constituição da própria personalidade. Assim Bakhtin entende o valor do outro na dialogia:

O papel dos outros, para os quais o enunciado se elabora, como já vimos, é muito importante. Os outros, para os quais meu pensamento se torna, pela primeira vez, um pensamento real (e, com isso, real para mim), não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal. Logo de início, o locutor espera deles uma resposta, uma compreensão responsiva ativa. Todo enunciado se elabora como para ir ao encontro dessa resposta. (BAKHTIN, 1992, p. 320)

O poder pode ser ideológico ou ter a dimensão da construção do novo se entendermos a relação dialógica no sentido de que o eu de mim mesmo e o eu do outro (1992), não se confundem conforme expressa o filósofo russo: “Devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, tal como ele o vê; devo colocar-me em seu lugar, e depois, de volta ao meu lugar, completar seu horizonte com tudo o que se descobre do lugar que ocupo, fora dele” (p. 45). Então, é por dentro dessa relação dialógica que se dá principalmente por meio da linguagem que nos humanizamos, por isso é fundamental que no processo educativo ela possa ser valorizada e incentivada ao estudante desde pequeno para que se possibilite ao estudante passar de ouvinte passivo para um ser pensante e crítico. Ciente de que não existe neutralidade, que somos seres de intencionalidades “inconcluso, ambíguo, de múltiplas possibilidades (ALMEIDA, 2013, p. 14) como envolver o discente no processo de construção de consciência que relacione e problematize poder, ideologia, palavra e linguagem? Como, mobilizados pelas dinâmicas desenvolvidas no projeto PIBID-Filosofia-UESB, o estudante pode contribuir para que o educador supere a rigidez dos currículos, dos relatórios das secretarias de educação Municipal, Estadual e do Ministério da Educação que se contenta apenas com gráficos, números e não com a verdadeira essência da educação?

Problematizar a educação como questão que diz respeito a cada um e a todos deve acontecer quando a criança, o adolescente e o jovem deixa de repetir as palavras e o educador contribui para que elas tenham sentidos na fase

vivencial em que os pequenos educandos estão inseridos. Para isso acontecer na perspectiva que propomos, o educador adquire uma dimensão muito importante, pois é ele que vai acompanhar o discente nesse caminho por um bom tempo. Quando se estimula a imaginação da criança e mesmo a imaginação do adolescente, se permite que no percurso educativo, ele possa confrontar com a própria realidade, isto é, no lugar da visão estereotipada veiculada pelos meios de comunicação, onde ele chega e acha que sabe de tudo da própria vida ou ao redor descobre que não sabe de nada e as palavras que aprendem podem levá-lo a um conhecimento muito mais interessante e através deste conhecimento podem ter o mundo em suas próprias mãos e expressá-lo mediante a linguagem. Sob essa ótica percebemos que o processo de educação e de emancipação pode ser tratado desde o começo da fase infantil, antes mesmo de ir à escola. Não podemos deixar estas crianças perderem a dimensão da curiosidade de descobrir no mundo seus perigos e suas maravilhas.

A palavra tem sentido e faz sentido, porque ela é um dos componentes mais fundamentais no processo de humanização do homem. É mediante a linguagem que dialogamos e construímos comunicação com o outro e com o mundo. Dessa forma é por meio da linguagem que nos humanizamos, por isso é fundamental que no processo educativo ela possa ser valorizada e incentivada ao estudante desde pequeno para que se possibilite passar de ouvinte passivo para um ser pensante e crítico. Para que isto aconteça, precisamos de um processo de educação básica, planejada com objetivo de emancipar, ou seja, possibilitar ou oferecer a todos a construção de consciência para que possa ter assegurados os direitos fundamentais da dignidade humana que passa pelo direito de liberdade de expressão, muitas vezes negada nas escolas em nome de determinadas ideologias.

O processo educativo tem três períodos muito importantes em nossas vidas. O primeiro passo e talvez um dos mais importantes, que algumas vezes passa despercebido, acontece quando a criança começa a engatinhar e para poder se locomover ela só começa a criar coragem de ficar em pé quando os pais passam confiança para ela. Quando a criança se sente segura começa a andar a ter curiosidade, nesse momento o papel dos pais é muito importante porque

aprendemos com Platão e Aristóteles que o conhecimento começa com a curiosidade, com o espanto e com a admiração. Segundo passo acontece dos oito aos dezoito anos. Este processo é longo e muito importante porque acontece durante a formação e a elaboração da personalidade do adolescente e do jovem. Como a maioria das propagandas são direcionadas a esse público e como a escola no atual modelo visa ajustar e controlar socialmente, a palavra passa a ter um conteúdo eminentemente ideológico como afirma Bakhtin “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (1988, p. 36). Nesse contexto, Como distinguir a ideologia da verdade que a palavra quer expressar? Como separar a ideologia das outras produções do pensamento humano? Ora, se é verdade que a palavra está presente em todos os atos humanos e que ela é essencialmente ideológica, qual é a ideologia que está subjacente nos livros didáticos utilizados no Brasil? Novamente Bakhtin contribui para entender esse poder devastador e ao mesmo tempo transformador da palavra. Segundo o pensador russo:

[...] tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de poder políticos, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto, claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos e bem formados. (BAKHTIN, 1988, p. 41 – grifos do autor)

A tarefa de construir a emancipação não é exclusiva dos educadores e dos discentes, mas constitui o espaço privilegiado para que esse processo aconteça. É importante salientar que a emancipação não é um ato isolado ou uma característica ou qualidade do indivíduo que ocorre independente. Ela está indissociavelmente acompanhada de várias outras como a responsabilidade, a coerência, o discernimento, o respeito, o compromisso e a ética. É nessa fase que o processo educativo tem um peso enorme, pois é nesse campo que ideologicamente o estudante é induzido ou manipulado por uma determinada ideologia, ou ao contrário, constrói junto com o educador a verdade e a libertação da opressão quer econômica, quer social ou cultural. Portanto, uma educação que não habilite ou problematize com o estudante a construção do

discernimento está claramente à serviço da ideologia dominante, porque é especialmente nesta fase que os processos ideológicos começaram a fazer parte de nossas vidas. Paulo Freire afirma em várias de suas obras, especialmente na *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Indignação* que a educação é moldada por ideologias que muitas vezes, é passada aos educandos de maneira indireta e sem que estes tenham consciência de que estão sendo manipulados. Greg W. Misiaszek e Carlos Alberto Torres no verbete *ideologia* para o *Dicionário Paulo Freire* afirma:

[...] Freire enfatizou que pedagogias focadas no discurso crítico são necessárias para identificar as ideologias dominantes e “esclarecer a legitimidade do sonho ético-político de superar a realidade injusta [...] trabalhar contra a ideologia fatalista dominante e seu poder de incentivar a imobilidade por parte dos oprimidos e sua adaptação à realidade injusta. (TORRES apud STRECK, REDIN, ZITKOSKI, 2010, p. 217)

Na perspectiva que propomos, o educador adquire uma dimensão muito importante, pois é ele que vai dialeticamente acompanhar o discente nesse caminho por um bom tempo. Quando se estimula a imaginação, se permite que no percurso educativo, possa confrontar com a própria realidade, isto é, no lugar da visão estereotipada veiculada pelos meios de comunicação, onde ele chega e acha que sabe de tudo da própria vida ou ao redor, descobre que não sabe de nada e as palavras que aprendem podem levá-lo a um conhecimento muito mais interessante e através deste conhecimento pode se descobrir um mundo novo que está evoluído com uma velocidade gigantesca e para acompanhar temos que aprimorar cada vez mais este processo linguístico. O processo educativo permite ao estudante que após aprender e apreender a organizar os pensamentos, razoar e refletir a vontade com racionalidade e clareza ele pode desconstruir o conteúdo dado através dos livros didáticos, das informações fornecidas pelo professor e pode construir novas referências a partir do diálogo que estabelece com o conteúdo, com o docente, com a realidade e com as próprias convicções que vai tecendo a partir dessa dialética. Penso que é esse o processo que permite passar de uma educação ideológica para uma educação consciente e consistente. Pierre Furter ao escrever o prefácio intitulado *Paulo Freire ou o poder da palavra* para à obra *Educação como prática da liberdade* estabelece:



[...] primeiro, que as palavras não sejam mais ôcas. Que não se esconda com o verbalismo, o vazio do pensamento; com o formalismo, a mentira da incompetência; e com o beletrismo, o cinismo da descrença tão característicos das elites no poder. A autenticidade na fala implica a crítica radical de uma situação. [...] só então a palavra em vez de ser o veículo das ideologias alienantes e/ou de uma cultura ociosa tornar-se-á geradora, sito é, o instrumento de uma transformação global do homem e da sociedade. (FURTER apud FREIRE, 1967, s/p)

Retomando o diálogo com Bakhtin, a palavra é poder. E como ele afirmou que ela é fenômeno ideológico por excelência, a palavra tanto pode nos libertar e mostrar um mundo sem fronteira diante de nós ao nosso alcance, mas também, quando retirada de nós enquanto ferramenta dialógica e democrática, ela se converte no poder do tirano: é o caso, por exemplo, da utilização da palavra-linguagem realizada por Hitler. Freire, na referida obra afirma que conservados mudos e quietos “O povo assistiu à proclamação da República “bestificado”, foi a afirmação de Aristides Lôbo, repetida por todos. Bestificado vem assistindo aos mais recentes recuos do processo brasileiro” (FREIRE, 1967, p. 82 – grifos do autor). A condição de libertação passa essencialmente em como aprender *com* a palavra para usar *a* palavra para se entender e compreender o uso da palavra. O que pode ser constatado mediante o uso da palavra como linguagem é o poder simbólico que está explícito e implícito em cada frase. Como somos seres intencionais é evidente que cada ação tem uma intencionalidade e, esta, por sua vez, tem uma certa ideologia que esconde o poder simbólico que a sustenta e a legitima.

Para um estudante de graduação em Filosofia ou Física e bolsista PIBID-Filosofia é triste ter que evocar um período tão bárbaro e constrangedor da existência humana para exemplificar o poder da palavra. Ao longo do tempo a humanidade sofreu e sofre até hoje, mas alguns homens tiveram em suas mãos ou melhor em suas palavras o poder de mudar a realidade e o destino do mundo inteiro apenas utilizando de discursos construídos mediante o jogo de das palavras. O homem que realizou essa catastrófica experiência foi Adolf Hitler ao seduzir o povo alemão e colocá-lo contra o povo judeu, utilizando de discursos bem entoados, com a voz firme e contundente. O indivíduo simples,

filho de uma família de classe média-baixa, tornou-se um ditador e um destruidor dos valores e da decência humana, porque, a questão do holocausto nazista e do genocídio humano não dizem respeito ao povo judeu, mas a quem pertence à espécie humana.

Algumas questões são necessárias para que o leitor possa refletir e tirar suas próprias conclusões como, por exemplo: como um homem pode chegar a ter este poder como ele conseguiu convencer uma nação ou boa parte dela a fazer tudo aquilo simplesmente com o poder da palavra e da persuasão? Como ele conseguiu inverter o conteúdo da verdade filosófica, afirmando que existe uma subespécie, uma sub-raça que precisava ser exterminada e que incluía não só os judeus, mas também a todos nós latino-americanos que não somos arianos e não pretendemos sê-lo? Por quê seus discursos aparentavam ser cheios de honestidades e de verdades para o povo alemão, ou invertendo a questão, porque o povo alemão se satisfazia em querer ouvir os discursos que encantava, motivava e encorajava jovens adultos? Este exemplo é o suficiente para demonstrar que aquele que Hitler tinha não só poder da palavra e sabia como pouco discursar e utilizá-las, isto significa que as palavras organizadas e ditas com um objetivos tem um poder de mudar uma determinada realidade como foi a situação vivenciada na Europa durante o período nazista.

Quando Adorno publica a obra *Educação e Emancipação* (1995) estava convicto que a tarefa da educação era impedir a todo custo que a experiência do holocausto fosse repetida, pois representa, possivelmente, o maior atentado contra a dignidade humana, ele discute a relação da palavra com a barbárie. Novamente tem-se uma bifurcação: a palavra que liberta e a palavra que aliena, que legitima a barbárie. É nesse contexto que ele afirma: “a exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. [...] qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação” (ADORNO, 1995, p. 119). A barbárie está presente entre nós. A educação brasileira servindo à lógica da globalização, segundo Almeida em apontamentos em sala de aula (2014) legitima a barbárie enquanto processo de exclusão, silenciamento, instrumentalização, uniformização, atualizando a definição do

próprio Adorno para o conceito de barbárie, como ele mesmo expressa: “[...] mas sim ao extremismo: o preconceito delirante, a opressão, o genocídio e a tortura” (ADORNO, 1995, p. 117). É triste constatar na perspectiva de Adorno o quanto a educação brasileira está longe da desbarbarização, pois, conforme exposto ao longo do texto, ela não está ancorada na seriedade moral, mas nos discursos ideológicos contradizendo a tese de Adorno de que “o *pathos* da escola hoje, a sua seriedade moral, está em que, no âmbito do existente, somente ela pode apontar para a desbarbarização da humanidade, na medida em que se conscientiza disso” (p. 117).

É importante destacar nesse tópico que a palavra utilizada ideologicamente pode chegar ao leitor ou ao ouvinte de maneira simples, pode ser simplesmente *jogada no vento e ao vento* por qualquer sujeito de maneira despreziosa ou intencional. É por isso que é fundamental construir consciência crítica, engajada e transformadora, pois mediante a consciência que é possível ler e interpretar nas linhas e nas entrelinhas da palavra se o que ela contém é desejo insaciável de consumo para gerar lucro e que constitui a semente do mal em nossa sociedade porque gera ambição, usura, exploração e, por outro lado, compreender que a palavra possibilita abertura ao diálogo, ao encontro fraterno e verdadeiro, pois a verdadeira palavra é encontrada no rosto do outro do outro.

A palavra não sendo neutra, traz junto de si uma série de outras palavras e associações, como por exemplo, a palavra guerra. Ela tem um efeito e um poder devastador e quando ela é dita sempre traz um conjunto de palavras com sentidos ruins como, por exemplo, morte, destruição, rancor, ódio, sofrimento, desilusão, ressentimento, tristeza. Outra palavra que tem um poder horrível e está muito presente no contexto brasileiro é o preconceito, que embora menos pesada que a palavra guerra traz em seu bojo um sentido que tem os mesmos elementos associados a palavra guerra. Para exemplificar o leitor, as palavras podem ser interpretadas de várias maneiras dependendo do seu uso ideológico. Isso vai depender de quem a utiliza, como se utiliza, com qual finalidade se está utilizando e até mesmo do momento, da situação e do tom de voz. Um discurso sério, uma piada ou seja uma única palavra pode conter vários significados.

Então vamos observar a palavra preto que significa cor escura. Um pintor escolhe um pincel de cor preta que tem como objetivo de pintar ou desenhar um objeto como nas pinturas de Leonardo da Vinci, mais também esta mesma cor pode servir como um tipo de discriminação com os negros que tem pele escura e que em outros tempos foram escravos e não tinham nenhum valor pois eram destituídos de sua condição humana. Entretanto a escravidão oficialmente acabou há muito tempo, mas mesmo assim hoje em dia algumas pessoas acham que são superiores e usam algumas palavras para agredir ou diminuir as pessoas de pele escura como infelizmente está acontecendo com muita frequência em estádios de futebol na Europa e até entre nós brasileiros.

Um outro exemplo muito forte que pode esclarecer quanto a questão da ideologia e suas várias faces, acontece no interior da religião. Ela é uma das instituições que mais utiliza da ideologia. Posso citar porque uma coisa que fica claro para toda sociedade é que você só será salvo se pertencer a alguma igreja ou templo e o mais complicado é que todos falam de um só Deus. Portanto, a palavra Deus é utilizada de várias maneiras diferentes para legitimar diversos interesses, logo, a palavra Deus é esvaziada de seu sentido para transformar em um outro conteúdo que muitas vezes alimenta a intolerância, o ódio, as guerras, a exploração, quando em seu sentido verdadeiro, pelo menos, no universo cristão, Deus é amor.

## **A ÉTICA NAS PALAVRAS**

Se a definição clássica de ética é aquela ação praticada tendo em vista o bem comum como afirmavam Aristóteles em sua *Ética a Nicômaco* e Kant na *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, nós hoje, temos dois tipos de leituras em relação à ética. O discurso teórico sobre a ética que continua sendo lindo e maravilhoso e a conduta ética que praticamente não existe, porque se vivemos em barbárie é porque não praticamos a ética, uma é a antípoda da outra. Hoje, na sociedade brasileira, quando pensamos em ética vem à cabeça que é ético em nossa sociedade a ação onde todos querem o tempo todo levar

vantagem uns em cima dos outros. Naturalizou-se na sociedade brasileira que a desonestidade, a corrupção e a mentira se tornaram virtudes e a decência, a honestidade, a justiça, a verdade, a transparência se tornaram completamente dispensáveis, porque, ainda continua valendo a famosa lei do Gerson que o que é importante é levar vantagem em tudo. Os próprios estudantes e professores são colocados nessa ciranda, onde plágios de trabalhos, cumplicidade entre amigos onde um faz o trabalho e coloca o nome de vários, professores que muitas vezes cansados e explorados fingem que preparam aulas, outros fingem que corrigem trabalhos e outros fingem que acreditam na educação.

Embora esteja na universidade há poucos semestres já foi possível perceber, graças às discussões produzidas no PIBID-FAPESB de Filosofia na UESB-BA, que o governo nas esferas federal, estadual e municipal não está preocupado com a educação, embora as últimas campanhas oficiais do governo tenha elegido como slogan máximo a *pátria da educação*. E o governo federal mente descaradamente, pois o corte do orçamento destinado à educação é uma prova contundente do desvalor e do descompromisso dos poderes públicos para com a educação. Portanto, o governo utiliza ideologicamente a palavra ética em seus discursos e em suas propagandas muito bem elaboradas por agências de publicidade, mas na verdade a educação brasileira quando comparada com países da América Latina, fica entre os últimos lugares e quando comparada na escala mundial é uma vergonha nacional. Aristóteles escreveu um tratado intitulado *Ética a Nicômaco* sobre ética e que tem validade até os dias atuais. Ele afirma no livro II que não estudamos ética para saber o que é ético, mas a fim de nos tornarmos éticos, por que:

Isso, pois, é o que também ocorre com as virtudes: pelos atos que praticamos em nossas relações com os homens nos tornamos justos ou injustos; pelo que fazemos em presença do perigo e pelo hábito do medo ou da ousadia, nos tornamos valentes ou covardes. O mesmo se pode dizer dos apetites e da emoção da ira: uns se tornam temperantes e calmos, outros intemperantes e irascíveis, [...] numa palavra: as diferenças de caráter nascem de atividades semelhantes. É preciso, pois, atentar para a qualidade dos atos que praticamos, porquanto da sua diferença se pode aquilatar a diferença de caracteres. E não é coisa de somenos que desde a nossa juventude nos habituemos desta ou daquela maneira. Tem, pelo contrário,

imensa importância, ou melhor: tudo depende disso  
(ARISTÓTELES, 1984, p. 68)

O que o filósofo explicita é que se desde a nossa juventude, portanto, durante a nossa formação moral e acadêmica não formos estimulados a praticar à virtude, não nos tornaremos nunca justos ou virtuosos. As virtudes e os vícios não nascem no ser humano por natureza ou contrariando a natureza, conforme ensina Aristóteles (1984). A virtude ou o vício se constrói a partir do hábito, do exercício, da prática. Portanto, nesta vida corrida em que vivemos falta os princípios éticos e os princípios básicos para uma boa convivência entre todos os indivíduos que fazem parte da nossa sociedade, como educar para a vivência da ética, do respeito, do compromisso e da responsabilidade? Como estimular o graduando que o diploma é consequência e não o fim dos estudos, mas que o caráter é o mais importante? Agindo por interesse e de forma individualista como prega e doutrina os donos dos meios de produção, não é possível atingir o que Aristóteles propõe em sua obra, que é o bem comum, isto é, a dignidade humana e a justiça social.

Ciente de que a palavra é ideológica se ela não for alicerçada na ética, tem-se com certeza a utilização da palavra associada a algum interesse particular e isso não corresponde a tarefa e a concepção da ética que é servir de ferramenta para a construção do bem comum que é concretizada na dignidade humana. Almeida afirma que existe “um nexó indissociável entre ética e dignidade humana. Se o homem vivesse eticamente, a dignidade humana estaria plenamente realizada no nosso aqui agora. Podemos definir como ação ética exatamente aquela que contribui para a dignidade da pessoa humana” (ALMEIDA, 2013, p. 135). Uma das características mais importantes da ética é o diálogo. Freire foi muito feliz quando escreveu e deixou para que nós pudessemos colocar em prática “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos assim se tornam sujeitos do processos” (FREIRE apud ALMEIDA, 2013, p. 59). Para se conseguir um bom diálogo entre pessoas de diversas culturas e religiões a ética serve como fundamento para que as palavras sejam utilizadas com alteridade, isto é, saber se colocar no

lugar do outro e respeitando-o como outro, não reduzindo-o ao mesmo como os europeus fizeram com os africanos e os latino-americanos durante séculos e até hoje fazem os mais dogmáticos e conservadores.

Hoje em dia as palavras podem ser interpretadas de várias maneiras como foi exposto no primeiro tópico. A relação entre a ética e a utilização da palavra é fundamental, pois quem tem um bom domínio das palavras pode usá-las ao seu favor e dando significados diferentes as mesmas dependendo de qual ideologia ou de qual lugar está na divisão das classes sociais. Por exemplo, retomando a palavra poder, para quem faz parte dos meios de produção, poder significa mandar, para quem é explorado, poder é uma condição de obediência e sinônimo de violência. A palavra ordem para um militar não tem o mesmo significado quando a mãe pede para a filha ou o filho deixar a casa em ordem.

É importante frisar que a ética não está em palavras mas sim no sentido e na intencionalidade com que ela é praticada. Aristóteles (1984) deixou claro que a ética não é um saber, afinal, não estudamos a ética para saber o que é a ética, mas para nos tornarmos éticos. Logo, no contexto em que nos encontramos é preciso ficar muito atento ao significado que algumas pessoas e alguns grupos que detém o poder atribuem a ética. Sendo necessário diferenciar o que é um discurso ético contido nas palavras porque ela vem junto com um discurso feito e organizado por pessoas que sabem como usar as palavras para obter algo ao seu favor e defender os seus interesses. Nesta vida corrida em que vivemos a falta da ética e de testemunhos éticos nos conduz a um distanciamento cada vez maior da ética. Dessa forma, fica cada vez mais difícil construir emancipação, sobretudo, entre os jovens de hoje que são os principais consumidores do consumismo, do materialismo e de falsas propagandas. A educação está longe da ética, porque não ensina, não discute, não proporciona ao jovem aprender neste mundo cada vez mais competitivo e capitalista onde o conhecimento não é valorizado, mas ter um carro importado ou vestir roupas de grifes sim. Ser ético não é valorizado, mas usar todos os truques para aparecer torna-se a maior das qualidades. Aprender na academia se reduz a decorar fórmulas e reproduzir teorias, o jovem deixa de lado a busca pela essência do conhecimento de si e do próximo e passa a ser uma busca cada vez mais por uma sobrevivência

competitiva e neste caminho a ética acaba ficando só nas palavras solta ao vento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em nossa jornada aprendemos que as palavras começam ter mais sentido cada vez que nos aprofundamos em seu conhecimento. Entre a palavra, seu significado e seu significante, esconde um jogo poderoso entre poder e ideologia, entre classes e interesses opostos, entre preconceitos contra minorias e julgamentos infundados como os que nós nordestinos estamos sofrendo agora durante o segundo turno das eleições presidenciais em 2014. Esta comunicação, ainda, amadora, pretendeu evidenciar essa tensão a partir das experiências vividas e das leituras realizadas no PIBID-FAPESB-UESB em 2014.

As palavras podem ser isoladas, aparentemente, sem um sentido e em outro contexto, a mesma palavra tem um peso enorme. Isso acontece porque algumas pessoas sabem como usar as palavras, porque tem consciência que elas são carregadas de intencionalidades e de valores, por isso, a relação com a ética, melhor, a relação da palavra como ética que ocorre na linguagem. Isto é, o indivíduo tem nas mãos o poder de decidir o caminho que sua vida vai seguir mediante a maneira como ele usa das palavras e com qual intenção. Por exemplo, na conjuntura brasileira onde os símbolos são tão fortes como sustenta Bourdieu, poderíamos abordar a relação das palavras e ética e a ética na palavras, das suas formas de poder e conduzir de forma com que se passando vários séculos a partir do testemunho de Jesus Cristo. Independente de fé e de religião. A ética não pertence a esta ou a aquela escola filosófica, mas ao testemunho da verdade, ou a concretização da verdade nos próprios atos e Jesus foi o maior que já pisou nesta terra. Porque em essência, Ele utilizou apenas do amor como concretização da ética e para semear a ética entre as pessoas. A regra de ouro que Ele deixou e que está presente em todos os códigos éticos de amar ao próximo como a si mesmo é a garantia de que se soubermos superar a ideologia e o poder que tem a palavra para concretizar o que é da essência da



palavra, isto é, a verdade, seremos capazes de concretizar a palavra como ética e a ética como palavra.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. **Educação e Emancipação**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALVARO, M.. **Pensar com os sentimentos: razão, escuta, diálogo, corpo e liberdade**. São Leopoldo, RS: Nova Harmonia, 2014.

ALMEIDA, J. M. **A educação em Kierkegaard e Paulo Freire: por uma educação ético-existencial**. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2013.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1984.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

\_\_\_\_\_. **Para uma filosofia do ato**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, Difusão Editorial, 1989.

STRECK, D.; REDIN E.; ZITKOSKI, J.J. **Dicionário Paulo Freire**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.